



Eixo Temático: 2 - Releitura dos teóricos em Educação

A POSTURA ÉTICA DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E SUA POTENCIALIDADE PARA A FORMAÇÃO HUMANA: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Franciele da Silva dos Anjos Strohhecker¹

[...] o outro está sempre presente em nosso ser no mundo
(GADAMER, 2000, p. 35).

Introdução

São inúmeras as possibilidades de pensar a contribuição da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer para a educação, sendo que a pesquisa educacional contemporânea nos brinda com muitas interpretações a esse respeito. Dentre as interpretações possíveis, elegemos aqui, como objeto de escrita, a possibilidade de contar com a hermenêutica gadameriana para a defesa/recuperação de um sentido ético para a formação humana. Imaginamos que ao possibilitar essa experiência ética de reconhecimento, responsabilidade, abertura ao outro e, justamente por isso, de afetação/transformação de si mesmo, a hermenêutica filosófica recoloca para o cenário da formação humana alguns princípios que estão presentes no sentido originário de formação humana, expressas na ideia de *Paidéia Grega*² e *Bildung*³ moderna. Defendemos a necessidade de a formação contemporânea recolocar o humano como centralidade do processo formativo, tal como a *Paideia* e a *Bildung* sustentavam, mas alargando as possibilidades formativas do sujeito através da *ética hermenêutica* da

1 Doutoranda no programa de pós-graduação em Educação nas Ciências-Unijuí, graduada em pedagogia-Unijuí. Orientador: Dr. José Pedro Boufleuer. E-mail: fran.anjos@hotmail.com. Bolsista CAPES.

2 Com a formação, os gregos pretendiam “um elevado tipo de homem” (JAEGER, 2013, p. 5), por isso a educação representava o sentido de todo o esforço humano (ibidem). Esse ideal de humano correspondia ao sentido de *paidéia* (*concepção alargada de cultura, e por isso de formação humana*), que orientava a totalidade das manifestações de vida do cidadão da *pólis*, onde a cultura era um princípio formativo do homem grego. Assim, a educação estava intimamente ligada ao projeto de sociedade, para o qual era preciso formar o homem virtuoso.

3 Flickinger recupera os raciocínios de Wilhelm von Humboldt para pensar a *Bildung* (formação) moderna, onde o objetivo “é formação máxima e mais proporcional possível de suas forças, no intuito de as integrar em um todo” (HUMBOLDT apud FLICKINGER, 2010, p. 177). Estavam em questão valores como a autonomia, a autodeterminação, a liberdade. O fio condutor do conceito iluminista de *Bildung*, lembra Flickinger (p. 178), é o aviso de Immanuel Kant: “fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro”



compreensão. Em que sentido? Possibilitando que o sujeito viva a experiência do eu, tal como queria o espírito pedagógico da *Aufklärung*, mas trazendo uma ética da alteridade, uma experiência em que o outro em sua estranheza pode aparecer, onde a responsabilidade em ouvi-lo e respondê-lo, em dar espaço de abertura e também abrir-se a ele, como sinal de reconhecimento por sua existência, possa ser possível. Porque isso alarga a experiência humana do eu, do outro, e de ter/fazer mundo, oferecendo a possibilidade de sermos arrebatados pelas questões que dizem de como coexistimos nesse algo comum.

Trata-se de um texto resultante de pesquisa bibliográfica, e que se inspira na postura compreensiva da Hermenêutica Filosófica para trilhar um caminho de diálogo entre tradições. Imaginamos que é na abertura ao outro que esse modo de proceder (hermenêutico) convoca, que poderemos produzir entendimentos acerca de alguma objetividade do mundo, neste caso, acerca do sentido ético inerente à postura hermenêutica, de fundamental importância para pensarmos o processo formativo.

Resultados e Discussão

Antes de tudo, cabe situarmos o horizonte onde opera a hermenêutica filosófica. O faremos de modo breve, em virtude do espaço que aqui temos. A interpretarmos como um modo de realizar a experiência da compreensão – compreensão entendida como algo inerente a nossa condição humana, como ontologia em que o “ser” acontece, e que por isso alcança toda a experiência humana de mundo. Gadamer empreende a construção da hermenêutica nesses termos em sua renomada obra *Verdade e Método* (I e II), inspirado na filosofia hermenêutica do *Dasein* (ser-aí) heideggeriana, bem como na filosofia socrático-platônica-aristotélica. É no diálogo vivo que Gadamer vai sustentar a experiência hermenêutica, nos levando a entender o nosso pertencimento à tradição e à linguagem e as implicações dessa nossa marca no modo como compreendemos. Richard Palmer entende que esse modo de proceder/experienciar a compreensão

[...] tem a ver com aquilo que deparamos como herança. É esta herança que, no encontro hermenêutico, tem que ser experimentada [...] chegamos a sua compreensão mesmo quando nos situamos nela, como experiência intrinsecamente linguística. Quando experimentamos o significado de um texto, chegamos à compreensão de uma herança que nos interpelou como algo que se situa face a nós, mas que faz no entanto simultaneamente parte desse fluxo não objetificável de experiência e de história, na qual nos situamos (2018, p. 265).



Realizado este breve indicativo acerca da hermenêutica filosófica, voltamos ao nosso desejo de pensá-la a partir de sua potencialidade ética para a formação humana. Uma de nossas inspirações para pensar de que modo a experiência hermenêutica poderia afetar/alargar a experiência formativa educacional é proposta por Flickinger, em “A caminho de uma pedagogia hermenêutica” (2010). Essa inspiração se dá no momento em que ele busca recuperar o impulso originário e que considera mais promissor da hermenêutica moderna, a saber, seu impulso ético, “que legitima o desejo de compreender o outro e, com isso, também a si mesmo” (2010, p. 108). Isso nos leva a pressupor que o fundamento ético da hermenêutica coloca o outro como centralidade no processo de compreensão, dando primazia à experiência da alteridade, algo que, obviamente, também é próprio do processo formativo – ou deveria ser. Flickinger entende que a experiência hermenêutica traz inúmeras contribuições para a reflexão ético-moral, uma vez que

A questão da responsabilidade pessoal perpassa toda experiência hermenêutica. [...] a questão do diálogo e a língua viva como o meio social por excelência leva necessariamente à questão pelos princípios e das posturas sociais que condicionam sua assunção ou não (2014, p. 59).

Em *Verdade e Método I* (2015), quando Gadamer discorre sobre a maneira mais elevada da experiência hermenêutica, nos presenteia com uma análise da experiência do “tu”, que, para ele, em muito se aproxima da hermenêutica. Entendemos que o fragmento abaixo, em que Gadamer tece sua análise, merece ser transcrito na íntegra, uma vez que cada frase carrega o todo daquilo que imaginamos ser a potência ética da hermenêutica para a educação.

[...] na relação inter-humana o que importa é experimentar o tu realmente como um tu, isto é, não passar ao largo de suas pretensões e permitir que ele nos diga algo. Para isso é necessário abertura. Mas, por fim, esta abertura não se dá só para aquele a quem permitimos que nos fale. Ao contrário, aquele que em geral permite que se lhe diga algo está aberto de maneira fundamental. Sem essa abertura mútua, tampouco pode existir verdadeiro vínculo humano. A pertença mútua significa sempre e ao mesmo tempo poder ouvir uns aos outros. Quando dois se compreendem, isto não quer dizer que um *compreenda* o outro, isto é, que o olhe de cima para baixo. E igualmente, “escutar alguém” não significa simplesmente realizar às cegas o que o outro quer. Agir assim significa ser submisso. A abertura para o outro implica, pois, o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o faça valer contra mim (GADAMER, 2015, p. 471-472).

Assim, imaginamos que a hermenêutica, ao buscar abrir espaço para que o tu aconteça como tu, revela uma autêntica experiência ética, indispensável a toda ação que se queira formativa. Isso por uma razão em especial: nessa abertura ética em que o eu é



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

acometido/afetado pela experiência do tu, ele impinge a si mesmo uma autorreflexão. Ao se entregar a compreender o tu, o eu realiza uma experiência ética, onde apresenta ao outro aquilo que pensa e, nesse movimento, pensa a si. Entendemos que não é o conteúdo que o eu e o tu discutem que possibilita a experiência ética, mas a dinâmica hermenêutica do diálogo. Criamos, nesse movimento de abertura, tempo/espaço para a experiência com o tu que, se eticamente orientada, possibilita a experiência com o *si mesmo*.

Nadja Hermann, em *Ética e Educação: Outra sensibilidade* (2014, p. 49), traz uma interpretação de Waldenfels acerca de como Gadamer concebe o outro e o estranho: especialmente por meio da estranheza e familiaridade, próprias da compreensão. A abertura que o diálogo pressupõe faz com que nos dediquemos a ouvir o outro, movimento que demanda suspensão momentânea do “eu”, certo esquecimento daquilo que me constitui. Em se tratando do fenômeno da compreensão, é a abertura ao estranho, ao outro, que “cria as condições para quebrar a unidade inquestionável que nos é dada pelo pertencimento a uma tradição (familiaridade)” (ibidem).

Se a tradição tem um papel significativo no fenômeno da compreensão, na medida em que a historicidade que nos constitui e que é coextensiva à vida que vivemos, a estranheza, por sua vez, atua como distanciamento temporal, gerando a tensão produtiva com a qual se estabelece a própria situação hermenêutica. Nessa tensão entre familiaridade e estranheza se dá a tarefa hermenêutica da compreensão, que abre um novo horizonte, onde o sujeito se expõe ao outro e é por ele interrogado (ibidem).

Essas interpretações nos permitem vislumbrar a dimensão ética presente nesse modo de compreender hermenêutico, nesse reconhecimento e valorização da diferença e proximidade, dessa tensão inerente à compreensão, que também é própria do acontecer pedagógico, e de toda experiência formativa. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a experiência formativa acontece no espaço criado pelo diálogo, se concordarmos com Gadamer, para quem “só através do diálogo é possível aprender”, ou seja, o processo de educar se realiza através da linguagem (HERMANN, 2002, p. 10), realiza-se na abertura ao outro, própria do diálogo. Isso porque acreditamos que o processo de aprendizagem é de autoconstrução, como diria Marques, “posta na ótica de concreta configuração, reconstrução autotranscendente do ser do homem singularizado entre os homens” (MARQUES, 1995, p. 10). Aprendizagem, educação, formação que se realizam mediante a força transformadora



presente no diálogo efetivo, pois quando ele assim acontece, indica Hermann, “algo nos afeta e nos transforma” (2002, p. 50).

A hermenêutica filosófica nos permite reconhecer no movimento tensional inerente ao processo compreensivo, possibilitado pelo diálogo, um convocar e acontecer ético, porque o “eu”, ao abrir-se ao “outro”, permite-se afetar pela experiência da alteridade, escutando o outro responsavelmente.

Em Gadamer há um movimento de conversação na busca de compreender o que é o estranho, o outro, e a diferença, uma busca da verdade implícita no encontro. Por isso defende o diálogo. Nessa busca de entendimento, realizamos um encontro com o outro que expande nosso horizonte (HERMANN, 2014, p. 155).

Considerações Finais

Essa oportunidade que a hermenêutica filosófica traz ao sujeito de, pelo diálogo com o outro, experimentar a alteridade em sua diferença, em sua estranheza e, ao mesmo tempo, experimentar a estranheza que constitui o si mesmo, possibilitando rever-se, reconstruir-se, nos inspira a pensar o quão ética e formativa essa experiência pode ser. O diálogo, nessa lógica, oferece um triplo encontro entre os interlocutores, entre o eu e o outro, entre o intérprete e a tradição, onde a compreensão sobre alguma dimensão do mundo é posta sob a mesa do diálogo. Parece-nos que é justamente nisso que está implicada a tarefa ética da formação humana. Aluno, professor e mundo – este representado simbolicamente pelo conhecimento escolar – encontram-se no diálogo, oferecendo aos sujeitos um duplo encontro, uma experiência de encontrar-se com o outro e encontrar-se consigo mesmo. É nessa dinâmica inter-relacional e intersubjetiva que, inicialmente dedicada à compreensão de algum assunto/conteúdo do mundo, possibilita-nos compreender a nós mesmos. É o inesperado que nos acomete, que nos afeta, que nos transforma. Tal é a potencialidade que imaginamos ter a experiência ética hermenêutica, possibilitada pelo diálogo, para a formação humana.

Referências

FLICKINGER, Hans-Georg. **O caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2010.

FLICKINGER, Hans-Georg. **Gadamer e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 - (Coleção Pensadores & Educação).

GADAMER, Hans-Georg. **La educación es educarse**. Barcelona: Paidós, 2000.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Petrópolis/RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERMANN, Nadja. **Ética e Educação: Outra sensibilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARQUES, Mario Osorio. **Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. UNIJUÍ, Ijuí, 1995.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2018.

Palavras-chave: Diálogo. Ética. Formação. Hermenêutica filosófica.